



V CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE - CIMFor

Temas emergentes em Educação: Docência em movimento no contexto atual
10 a 13 de setembro de 2024

DIVULGAÇÃO DA LIBRAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL COM VISTAS À INCLUSÃO NO MUNDO DO TRABALHO

Fabiana Schmitt Corrêa¹

Renata Orlandi²

RESUMO

Nesta ação de extensão, buscou-se promover a democratização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para jovens trabalhadores com Síndrome de Down de um empreendimento social, de modo que estes possam atuar na inclusão de pessoas da comunidade surda em seu ambiente de trabalho. O local da ação consistiu na Cafeteria Especial, em Blumenau/SC, a qual se dedica à geração de oportunidades de inclusão e capacitação para o mercado de trabalho, oportunizando a jovens com deficiência a sua primeira experiência profissional. Neste contexto de reflexão sobre a efetivação dos Direitos Humanos, especialmente, em relação à inclusão no meio educacional e laboral, é crucial superar não apenas barreiras físicas e sociais, mas também atitudinais. O combate ao capacitismo exige o compromisso de toda a sociedade com o acesso igualitário a recursos educacionais e profissionais. Esta oficina de Libras ilustra como a tríade ensino-pesquisa-extensão potencializa o processo de construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Palavras-chave: Divulgação Científica. Libras. Deficiência Intelectual. Inclusão Laboral.

Eixo Temático: Formação Social, Educação e Direitos Humanos

1 Professora assistente da Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Blumenau. E-mail: fabiana.s.c@ufsc.br

2 Professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Blumenau. E-mail: renata.orlandi@ufsc.br

INTRODUÇÃO

Esta ação de extensão faz parte do projeto intitulado "Direitos Humanos e Ensino de Ciências: problematizando a diversidade e a inclusão em sala de aula" no qual estão sendo realizadas atividades de democratização de saberes acadêmicos em espaços educacionais formais e não formais, priorizando o atendimento de estudantes com distintas deficiências. Este processo educativo teve como objetivo promover a democratização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para jovens trabalhadores com Síndrome de Down, de modo que estes possam atuar na inclusão de pessoas da comunidade surda em seu ambiente de trabalho.

Na esfera dos Direitos Humanos um dos documentos centrais no enfrentamento às relações de poder assimétricas e capacitistas é a Declaração de Salamanca (1994). Este documento referencial destaca a importância da formação de professores e de todos os demais profissionais da Educação para o estabelecimento de escolas inclusivas. Por sua vez, a Educação Inclusiva refere-se tanto à eliminação de barreiras arquitetônicas quanto atitudinais, garantindo não só o acesso ao ambiente escolar, como também a participação efetiva nos processos de ensino-aprendizagem. A educação inclusiva é abarcada no conceito mais amplo de Inclusão Social. De acordo com Mantoan (2017, p. 43), pensar a inclusão social “significa trabalhar no sentido de tornar acessível a todos, e sem exclusões de qualquer tipo, a vida dos que habitam os espaços comuns e particulares a cada um na nossa sociedade”, sendo este movimento, uma reação aos valores da sociedade dominante que se constituiu sob a exclusão de grupos sociais marginalizados, a exemplo das pessoas com deficiência.

A partir do Estatuto da Pessoa com Deficiência (lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015), artigo 2º “considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com

uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva”. A deficiência intelectual refere-se a alterações vinculadas ao processo de constituição global da inteligência, abrangendo a linguagem, habilidades motoras e competências sociais, tendo um efeito duradouro sobre o desenvolvimento do sujeito que a manifesta (MORALES; BATISTA, 2010).

A surdez é considerada uma deficiência sensorial e diz respeito à perda auditiva em distintos graus que podem variar de leve a profunda, os quais podem se modificar ao longo do tempo (GESSER, 2009). No que se refere a surdez, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é essencial visto que, para além de uma língua, trata-se de uma linguagem. Grande parte da apropriação dos conceitos ocorre por meio da linguagem, que funciona como um mediador do pensamento à ação. A linguagem, na teoria vygotskyana, trata-se de um conjunto de conceitos que permitem não só a comunicação entre os seres humanos, como também a organização do real, realizada pelo sujeito em relação ao objeto de conhecimento (OLIVEIRA, 1992).

A Síndrome de Down enquadra-se como deficiência intelectual e é caracterizada pelas Diretrizes de Atenção à Pessoa com Síndrome de Down (BRASIL, 2012) como uma condição humana geneticamente determinada, em que ocorre a trissomia do cromossomo 21, sendo a alteração cromossômica mais comum em humanos. Esta condição genética “determina características físicas específicas [...]. Sabe-se que as pessoas com SD [Síndrome de Down] quando atendidas e estimuladas adequadamente, têm potencial para uma vida saudável e plena inclusão social” (BRASIL, 2012, p. 9).

O trabalho, enquanto atividade própria humana, é assegurado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e apoiado, ainda, pela Declaração de Salamanca (1994) em se tratando de pessoas com deficiência, subsidiando políticas públicas endereçadas à inclusão no mundo do trabalho. Entretanto, as pessoas com Síndrome de Down ainda enfrentam diversas barreiras quando se fala em acesso ao mercado de

trabalho. Neste contexto, Giacomini, Moreira e Landero destacam que “temos historicamente constituído um modelo de indivíduo que se enquadre nos padrões estéticos, mentais e produtivos que a sociedade espera, sendo assim, tudo que foge desses padrões considerados ‘normais’ é visto como diferente e, mais que isso, inferior e incapacitado”(2015, p. 110).

Visando promover a inclusão de pessoas com deficiência, a Cafeteria Especial³, localizada em Blumenau/ Santa Catarina, possibilita a jovens com Síndrome de Down sua primeira experiência profissional, assim como o acesso a processos de treinamento e capacitação, contribuindo em seu processo de capacitação para uma atividade laboral e inclusão no mercado de trabalho. Esta é a segunda cafeteria voltada à inclusão no Brasil. Caracterizada como um empreendimento social, foi inaugurada por iniciativa dos filósofos Giorgio Sinestri e Delfino Andrade, tendo como missão oferecer apoio sócio-educacional à comunidade (EDUCARE FORMA, 2019).

Por fim, a importância desta ação refere-se ao compromisso de democratizar conhecimentos produzidos na universidade para a comunidade, mais especificamente, por meio da realização de uma ação de ensino-extensão⁴ atrelada à divulgação científica da Libras para um público alvo das políticas de inclusão, pessoas com síndrome de Down, as quais, por sua vez, serão inclusas no mundo do trabalho e promoverão um atendimento inclusivo de clientes surdos, mediado pelo conhecimento básico da língua brasileira de sinais.

Neste sentido, na perspectiva da inclusão, buscou-se o estabelecimento de processos comunicacionais fundados no diálogo e no aprendizado mútuo entre universidade e sociedade, em uma operação dialética, resultando no confronto com a

3 Agradecemos imensamente o acolhimento de Giorgio Sinestri (sócio deste empreendimento) no processo de execução desta ação

4 Entre os estudantes que colaboraram no processo de execução desta atividade, destacamos a colaboração da Luana Alchini, hoje Licenciada em Química, a qual atuava como bolsista do projeto

realidade local, na democratização destes conhecimentos e na participação concreta da comunidade no trabalho da universidade. Ao promover a democratização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) entre jovens trabalhadores com Síndrome de Down, buscou-se colaborar em seu processo de capacitação de modo a poderem atuar como agentes de inclusão na comunidade surda. Essa iniciativa ilustra o papel transformador da tríade ensino-pesquisa-extensão universitária na promoção de uma comunidade mais justa e inclusiva, onde todas e todos possam exercer sua cidadania e participar plenamente da vida social e profissional.

DESENVOLVIMENTO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a principal forma de comunicação utilizada pela comunidade surda no Brasil. Ensinar e aprender Libras não apenas promove a inclusão social, mas também enriquece a interação entre surdos e ouvintes, contribuindo para uma sociedade mais equitativa e respeitosa (QUADROS, 2004).

A partir da premissa de promover a inclusão social, sistematizou-se uma oficina de Libras para pessoas com Síndrome de Down inseridas no mercado de trabalho, especificamente, em uma cafeteria endereçada à inclusão social. Visou-se o ensino dos princípios básicos da Libras, focando no vocabulário comumente empregado pelos funcionários no atendimento aos clientes. A oficina, com aproximadamente três horas de duração, ocorreu em dois momentos: em novembro de 2018 na Universidade Federal de Santa Catarina (centro Blumenau) e em março de 2019 na Cafeteria Especial de Blumenau.

No primeiro momento do projeto, realizou-se uma apresentação conduzida pela professora de Libras, Fabiana Schmitt Corrêa, que é surda, com interpretação de Aline Vanessa Poltronieri Gessner⁵ para a língua portuguesa. Inicialmente, todos os participantes

⁵ Tradutora-Intérprete de Libras-Português da UFSC campus Blumenau

se voltaram para Aline, confundindo-a com a professora devido ao uso da primeira pessoa "eu" na interpretação, o que gerou confusão. Após esclarecer que Fabiana era a professora e que os participantes deveriam focar nela, Aline começou a referir-se a Fabiana como "ela" durante a interpretação, tornando a dinâmica mais clara.

Na cultura surda, é comum que os surdos se nomeiem em Libras, recebendo um sinal próprio que os identifica na comunidade (GEDIEL, 2010). Os participantes tiveram seu primeiro contato com os sinais e foram "nomeados" com base em características físicas, personalidade ou apelidos. Cada participante apresentou-se e juntos analisaram qual sinal poderia combinar com cada um, por exemplo, um sinal "L" no lado do olho para indicar óculos. Se o participante aprovava o sinal, ele o adotava. Após a nomeação, realizaram uma dinâmica para adivinhar os sinais dos colegas. Posteriormente, foram apresentados sinais como "obrigado", "de nada", "desculpa", "por favor" e "licença". Essa fase inicial estabeleceu as bases para a comunicação em Libras.

No segundo momento, realizado na Cafeteria Especial, o planejamento foi feito de forma coletiva e dialogada com os sócios da cafeteria. Identificou-se a prioridade de ensinar as cores em Libras, ao invés dos números, pois os colaboradores identificam as mesas dos clientes pelas cores, não estando ainda familiarizados com os números.

Foram abordados sinais de cumprimentos, alimentos específicos da cafeteria, cores e noções de atendimento em Libras. A intervenção foi ancorada na metodologia de ensino comunicativo, centrado no aprendiz, que enfatiza a interação, a comunicação autêntica e a participação ativa dos alunos, atendendo aos estilos de aprendizagem individuais (GESSER, 2012). A estratégia envolveu a apresentação do conteúdo planejado e a participação ativa dos alunos, partindo de seus conhecimentos prévios como ponto de partida para questionar, interpretar e discutir o objeto de estudo (Anastasiou & Alves, 2004).

Organizados em forma de roda, os participantes relembrou seus sinais e

aprenderam os sinais das cores associadas aos jogos americanos sobre as mesas, como amarelo, laranja, verde, rosa, roxo, branco e cinza. Refletiram sobre outras cores não imediatamente presentes no ambiente e revisaram as cores aprendidas, compartilhando suas preferências.

Em seguida, foram ensinados os sinais de bebidas e alimentos comuns na cafeteria. Os participantes discutiram os produtos alimentícios comercializados, como bolos, coxinhas, alimentos vegetarianos, café e sucos, expressando suas preferências por meio de diálogo espontâneo e participação ativa, empregando como recurso pedagógico os próprios objetos presentes em seu espaço de trabalho.

No terceiro momento, a professora propôs uma dramatização, um teatro didático onde situações específicas foram encenadas para a apropriação dos conteúdos (Anastasiou & Alves, 2004). Utilizando o espaço da cafeteria, os organizadores do curso simularam pedidos em Libras, que os funcionários deveriam compreender e comunicar para o caixa do estabelecimento. Um papel com o pedido foi entregue ao "cliente" para confirmar a correção do pedido. Alguns participantes repetiram sinais para compreensão total, evidenciando a aprendizagem.

Durante a realização da dinâmica, um participante respondeu a um cumprimento de "obrigada" com o sinal de "de nada", aprendido na primeira etapa do curso. Esse sinal não foi revisado na segunda aula, demonstrando a apropriação do conceito e aplicação prática do conhecimento adquirido anteriormente. Outro participante alertou, em Libras, sobre uma chuva iminente, sinalizou "está ficando escuro", o vocabulário escuro foi apresentado nesta segunda etapa evidenciando a apropriação do sinal, utilizando em outro contexto, generalização essa que possibilitou uma comunicação eficiente de um evento de outra ordem ao ensinado anteriormente. O curso foi repleto de animação e envolvimento, evidenciando o sucesso da metodologia aplicada e o engajamento dos participantes. Importante ressaltar que todo o processo foi desenvolvido no contexto da curricularização

da extensão, sendo acompanhado por estudantes de Licenciatura em Química do campus de Blumenau da UFSC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da Libras, pessoas com deficiência auditiva são incluídas na cultura surda, catalisam sua representatividade e unem esforços contra todo tipo de opressão, destacando-se a imposição do oralismo entre as violências que se configuram como um fator de risco ao pleno desenvolvimento e exercício da cidadania. Neste sentido, a oficina de Libras realizada neste empreendimento social de Blumenau ilustra como a aprendizagem inclusiva pode transformar não apenas competências individuais, como também dinâmicas comunitárias.

Ao ensinar princípios básicos da Libras aos colaboradores com Síndrome de Down, o projeto não só capacitou os participantes para interagirem de maneira inclusiva com os clientes surdos, mas também promoveu um ambiente de desenvolvimento e aprendizagem participativo e emancipador. Por sua vez, a metodologia pedagógica adotada, centrada na interação autêntica e na adaptação do conteúdo às necessidades individuais, demonstrou-se eficaz ao engajar os participantes e facilitar a apropriação dos sinais compartilhados.

A iniciativa reforça a importância de práticas educativas que promovam uma sociedade mais equitativa e respeitosa para todos os seus membros. Transcendendo o aprendizado de Libras, os participantes do presente projeto tiveram a oportunidade de exercitar seus conhecimentos em seu ambiente de trabalho, bem como puderam expandir sua capacidade de interação e comunicação. Esta iniciativa pode subsidiar reflexões atreladas a futuros projetos educacionais, ressaltando-se a centralidade do engajamento com a diversidade, a inclusão e o compromisso com a efetivação dos Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. **Estratégias de ensinagem**. In: ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P.. (Orgs.). *Processos de ensinagem na universidade. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. 3. ed. Joinville: Univille, 2004. p. 67-100

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Nações Unidas. 1948. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/udhr/documents/udhr_translations/por.pdf>. Acesso em: 23 abr 2019.

ANDRADE, M. M. A.; ARAÚJO, R. C. T. **Características de Alunos com Deficiência Física na Percepção de seus Professores: um estudo sob os parâmetros conceituais da classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 24, n. 1, p. 3-16, jan-mar, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde - Secretaria de Atenção à Saúde. **Diretrizes de Atenção à Pessoa com Síndrome de Down**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

_____. Lei Federal nº.13.146/15 in Estatuto da Pessoa com Deficiência.

_____. Declaração de Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Brasília: Ministério da Educação, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 23 abr 2019.

EDUCARE FORMA. Apresentação - Cafeteria Especial: a primeira cafeteria inclusiva do sul do Brasil. Disponível em: <<https://www.educareforma.com.br/cafeteriaespecial-apresentacao>>. Acesso em: 15 abr 2019.

GEDIEL, A. L. **Falar com as Mãos e Ouvir com os Olhos? A corporificação dos Sinais e os significados dos corpos para os Surdos de Porto Alegre**. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre: UFRGS, 2010.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

GIACOMINI, D.; MOREIRA, L. E.; LONDERO, M. F. P. **Síndrome de Down: trabalho e práticas de inclusão**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2015, v. 18, n. 2, p. 107-121.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão, diferença e deficiência: sentidos, deslocamentos, proposições**. Inclusão Social, Brasília, DF, v. 10, n. 2, p. 37-46, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4030/3366>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

MORALES, A. S.; BATISTA, C. G. **Compreensão da Sexualidade por Jovens com Diagnóstico de Deficiência Intelectual**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 26, n. 2, p. 235-244, abr-jun, 2010.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky e o processo de formação dos conceitos. In: LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos: A aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

TORRES, J. P.; COSTA, C. S. L. LOURENÇO, G. F. **Substituição Sensorial Visuo-Tátil e Visuo-Auditiva em Pessoas com Deficiência Visual: uma revisão sistemática**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 22, n. 4, p. 605-618, out-dez, 2016.